

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: COTEJANDO ESCRITAS E CONCEPÇÕES DE PROFESSORAS ALFABETIZADORAS

DÉBORA WENDLER DE ANDRADE¹; JOSIANE JARLINE JÄGER ²; MILENA VENZKE KAADT³; LIÉSIA BUBOLZ RUTZ⁴; SHAIANE PIZANI SILVEIRA⁵; MARTA NÖRNBERG⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – deborahartwig@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – josianejager@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – milenakaadt1998@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – liesiarutz18@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – shaianepizani@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – martanornberg0@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho vincula-se ao projeto de pesquisa “Pensamento Pedagógico e Desenvolvimento Profissional Docente”. Na mesma direção da intenção do projeto, o trabalho aqui apresentado intenta dar continuidade às pesquisas sobre o pensamento pedagógico de professoras alfabetizadoras, compreendendo e observando o desenvolvimento profissional e as razões que sustentam a prática pedagógica dessas professoras. O trabalho decorre da análise de textos produzidos por professoras alfabetizadoras durante os encontros do programa de formação continuada - Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), no ano de 2013. O PNAIC foi um programa que articulou o Ensino Superior com a Educação Básica, no qual foi possível que os professores e professoras se desenvolvessem profissionalmente a partir da troca de saberes e experiências que puderam ser complementados e ampliados. Num primeiro momento, supervisoras e formadoras atuaram, na universidade, na formação das orientadoras de estudo (OEs). Estas, em seguida, realizaram encontros de formação com professoras alfabetizadoras (PAs) nas redes municipais e estaduais de ensino. Em cada ano de formação foram realizados estudos e reflexões sobre conhecimentos específicos do ciclo de alfabetização.

No primeiro ano de formação, 2013, foram realizados estudos e reflexões de temáticas relativas ao ensino no ciclo de alfabetização. As professoras participantes produziram escritas sobre os temas que foram abordados nos encontros formativos a partir de questões mobilizadoras. As escritas coletadas passaram por um processo de catalogação e codificação, organizadas em conjuntos de textos, considerando os diferentes temas abordados, e integram, atualmente, o Banco de Textos de Professoras (BTP) - banco de dados oriundo do projeto de pesquisa OBEDUC-PACTO¹.

Nessa perspectiva, este trabalho objetiva cotejar escritas produzidas por professoras alfabetizadoras acerca de dois importantes temas a serem considerados no ciclo de alfabetização, a saber: Sistema de Escrita Alfabética (SEA) e Alfabetização e Letramento (ALFLET). Ambos os temas tinham questões norteadoras que possibilitaram que as professoras participantes expusessem compreensões e conhecimentos específicos do processo de alfabetização.

As questões mobilizadoras para escrita que referiam sobre sistema de escrita alfabética e alfabetização e letramento foram: I) “a escrita alfabética: por que ela é

¹ Sigla do Projeto: Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC): Formação continuada de professores e melhoria dos índices de leitura e escrita no ciclo inicial de alfabetização (1º ao 3º ano do ensino fundamental), financiado com recursos do Programa Observatório da Educação/CAPES, Edital/2012.

um sistema notacional e não um código?"; II) "O que você entende por alfabetização e letramento?".

É importante destacar como esses temas se conectam. Qual a relação do Sistema de Escrita Alfabética com a Alfabetização e o Letramento? São processos distintos ou complementares? SOARES (2020) discute a aprendizagem da língua escrita como "*camadas*" - *aprender o sistema de escrita alfabética; ler e escrever textos; usos da escrita; contextos culturais e sociais de uso da escrita* - que se complementam e constituem um todo, sugerindo que pensemos em um bolo com três camadas. Apesar das aprendizagens desses conceitos se diferenciarem em função de seus processos próprios, a autora afirma que "cada aprendizagem depende das demais, como a aprendizagem do sistema de escrita para que se possa ler e escrever, usando a escrita nas situações culturais e sociais em que a escrita está presente" (SOARES, 2020, p. 19).

2. METODOLOGIA

Esta trata-se de uma pesquisa qualitativa, inspirada nos elementos da análise temática (MINAYO, 1993). Nesta análise a identificação e a descrição dos temas é problematizada baseando-se em referenciais e estudos teóricos.

As escritas analisadas referem-se a um dos registros do processo de formação continuada do PNAIC, na UFPEl. Cada conjunto corresponde a uma turma participante da formação, divididos por temas. Em razão disso, o número de textos dentro de cada conjunto varia de acordo com o número de professoras alfabetizadoras participantes. Foram analisados dois conjuntos de textos escritos pelas professoras alfabetizadoras que participaram dos encontros de formação, totalizando 63 escritas. Um dos conjuntos tem como tema o "Sistema de Escrita Alfabética" (29 escritas) e o outro conjunto a "Alfabetização e Letramento" (34 escritas), ambos escritos pela mesma turma de professoras alfabetizadoras, sob orientação da mesma Orientadora de Estudos.

Para guiar esse processo de análise, elencamos algumas indagações, dentre elas: Quais concepções acerca dos termos alfabetização e letramento estão presentes nas escritas? Nos textos sobre alfabetização e letramento, mencionam alfabetização e letramento como termos complementares? Nos textos sobre o SEA, referenciam o Letramento? Essa discussão é ampliada na seção dos resultados e discussão, na qual são apresentados importantes referenciais acerca desses temas/conceitos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Existem diferentes concepções e entendimentos a respeito da escrita alfabética. Durante muito tempo, e ainda atualmente, tem-se entendido a escrita alfabética como um código, em que o sujeito já teria as unidades sonoras estabelecidas na sua mente e lhe restaria transferir esses sons para o papel. Nessa concepção o indivíduo passaria por um processo de codificação e decodificação da escrita, em que se acredita, também, na possibilidade de o professor transmitir as informações já pré-estabelecidas, prontas para a criança, restando ao indivíduo somente a memorização do traçado das letras e seus nomes e a decorar os sons que elas substituiriam.

No entanto, de acordo os estudos da Psicogênese da Língua Escrita (FERREIRO e TEBEROSKY, 1999), concebemos a escrita alfabética como um sistema notacional, como um sistema de representação, que envolve um trabalho bem mais complexo, em que o sujeito precisa entender como a escrita funciona e reconstruir as propriedades em sua mente.

Ao refletirmos acerca do processo de aquisição da escrita da criança, considerando que estamos falando em um contexto alfabetizador, é preciso salientar

a diferença dos termos *alfabetização* e *letramento*. Os entendemos aqui como termos distintos, porém extremamente complementares. Sobre isso, SOARES (2001, p. 39) afirma que

[...] alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita.

Nessa perspectiva, uma das professoras escreve que o “Letramento é o uso social da leitura e da escrita. [...] É contextualizar o aprendizado, é o uso que se faz, para que serve aprender a ler em um rótulo, uma placa, um convite” (LFLET2013OT12OE251-20).

Em razão disso, podemos afirmar que o indivíduo pode ser alfabetizado sem, necessariamente, ser letrado, da mesma forma, pode ser analfabeto e ser letrado, pois reconhece as funções da escrita (SOARES, 2001). É nesse sentido, também, que defendemos que o ideal seria ensinar a ler e escrever considerando o contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, ou seja, *alfabetizar letrando*, para que o indivíduo possa ser alfabetizado e letrado ao mesmo tempo (SOARES, 2001). Também é possível percebermos esse entendimento nas escritas, quando uma das professoras escreve que “[o]s dois devem caminhar juntos, alfabetizar a criança com diferentes usos da escrita” (ALFLET2013OT12OE251-5).

Em uma das escritas a professora escreve que, apesar de nunca ter pensado na diferença conceitual da escrita alfabética como um sistema notacional e não um código, as leituras propostas para aquele encontro de formação possibilitaram que ela pudesse organizar o seu pensamento acerca desse assunto. Esse também é um elemento para ser destacado, pois a apropriação conceitual feita por meio do estudo modifica a prática. O estudo, na perspectiva de RECHIA e CUBAS (2019) requer atenção, repetição, paciência, nos desacomoda, traz inquietações, preocupa, mas impressiona. Além disso, esta é a única escrita que faz referência ao letramento nos textos sobre o SEA, em que ela complementa, escrevendo que “[e]star alfabetizado é estar apto a lidar com o sentido da escrita [...] É fundamental que os trabalhos desenvolvidos pela escola sejam significativos, desafiadores e que envolvam o letramento: ALFABETIZAR LETRANDO!” (SEA2013OT12OE251-14). Considerando a importância de desenvolver um trabalho significativo para o aluno no processo de alfabetização, outra professora assim afirma:

[A] escrita precisa fazer sentido para o aluno. Ele não pode receber textos falsos e sem interesse para ele, pois assim se sentirá como parte do processo e não como algo estranho a ele. Assim, a criança compreenderá as diferenças entre letras e números, as variações e semelhanças que elas possuem, para que ela se aproprie devidamente da escrita alfabética (SEA2013OT12OE251-22).

O(a) professor(a) precisa fazer uso desse conteúdo do interesse da criança para que a atividade contribua para o desenvolvimento e a aprendizagem. OLIVEIRA-FORMOSINHO (2007) destaca que o papel do professor é estruturar o ambiente, escutar, planejar, estender o interesse das crianças e o grupo em direção à cultura, com interação, com participação. Isso implica em substituir os métodos tradicionais, prontos e que não fazem sentido algum para a criança que se encontra no processo de alfabetização, precisa ser algo do interesse da criança. Em vista disso, uma das professoras explica:

Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas ao mesmo tempo inseparáveis. Devemos ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita. Nosso aluno tem que aprender a ler e escrever e tudo que ele aprende tem que ter significado (ALFLET2013OT12OE251-8).

Assim sendo, defendemos que é importante alfabetizar letrando, no sentido de que a criança possa aprender a ler e escrever convivendo com práticas reais de leitura e escrita.

4. CONCLUSÕES

É relevante ressaltarmos a importância de espaços formativos, de diálogo e de reflexão acerca das concepções e entendimentos de professoras alfabetizadoras sobre conceitos indispensáveis no ciclo de alfabetização, como os do PNAIC. Nesse espaço elas puderam explicitar e compartilhar as razões que sustentam a sua prática pedagógica, possibilitando, ainda, a leitura e estudo de importantes e conceituados referenciais no que tange a área da alfabetização. Consideramos isso visto que algumas professoras relatam em suas escritas que os encontros se caracterizaram em um espaço de possibilidade de organizar o seu pensamento e repensar as suas práticas (GRANDO, 2018).

São espaços importantes, também, na medida que possibilitam que nós, enquanto pesquisadoras, possamos dar continuidade às pesquisas sobre o pensamento pedagógico de professoras alfabetizadoras, compreendendo e observando o desenvolvimento profissional. Assim como, enquanto graduandas e futuras professoras, possamos compreender que a reflexão conceitual e a análise das práticas pedagógicas precisam ser contínuas e constantemente revisadas, pois não esgotam-se no curso de graduação.

Ressaltamos, ainda, que é preciso acreditar na capacidade cognitiva e emocional das crianças, buscando a *emancipação intelectual, individual e também social das inteligências* (KOHAN, 2019), acreditando que todos podem e são capazes de aprender. O professor precisa ser um *mestre emancipador* (KOHAN, 2019), que transmita ao aluno a confiança na sua própria capacidade intelectual, que respeite suas necessidades e desejos; criando recursos; possibilitando meios de aprendizagem; proporcionando práticas de leitura, literatura, alfabetização e letramento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- GRANDO, K. B. **A escrita e a leitura de professoras em contexto de formação profissional e a reflexividade pedagógica**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018. 323f.
- KOHAN, W. O. Paulo Freire e o valor da igualdade em educação. **Educ. Pesquisa**, São Paulo, v. 45, e201600, 2019.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 5. ed. São Paulo: HUCITEC, 1998. 269 p. ISBN 8527101815.
- OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. Pedagogia(s) da infância: reconstruindo uma práxis de participação. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.; KISHIMOTO, T. M.; PINAZZA, M. A. **Pedagogia(s) da infância**. Dialogando com o passado, construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 13-36.
- RECHIA, K. C. CUBAS, C. J. Uma skholé para professores: o estudo como dimensão constitutiva do ofício de professor. **Teoría de la educación. Rev. Interuniversitaria**, 31, 2, jul-dic, 2019, pp. 109-130.
- SOARES, M. **Alfaletrar**: toda a criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.
- SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001.